

Ensaio de genocídio

Luiz Carlos Lisboa

A idéia de que todo crescimento exige uma provação para se consumir é quase tão antiga quanto o homem, mas tudo indica que não passa de uma superstição. As provas que os heróis mitológicos têm que vencer para que mereçam a glória correspondem à crença humana de que tudo tem um preço, inclusive, e principalmente, a felicidade. No Brasil destes tempos de crise tem a força de um dogma a convicção de que o demônio inflacionário só pode ser aplacado com as dores e os sofrimentos da privação, do aviltamento e da pobreza. "O remédio é amargo", dizem os que propõem o sacrifício com a tranqüilidade dos que não participam dele. "É preciso ir ao fundo do poço, para depois emergir", afirmam os defensores da dor que antecede a redenção. Nada nos garante que deve ser assim, ninguém consegue provar a mais de 100 milhões de homens deste país que seu empobrecimento progressivo seja condição indispensável ao seu acesso à vida comum das nações do Primeiro Mundo.

Que direitos têm os povos dessas nações felizes com que nós aspiramos nos igualar há tanto tempo que não sejam as mais mezinhas exigências de uma vida digna e equilibrada? Então é preciso empobrecer dramaticamente para conquistar a posição de remediado que já se desfrutava? A classe média brasileira que acreditava estar crescendo numericamente e ao mesmo tempo estar sendo reconhecida como o grande manancial de idéias, criatividade e responsabilidades do País acaba de saber que foi escolhida para cordeiro no sacrifício que é preciso fazer para acalmar os deuses no Olimpo e permitir que as chuvas da deflação e do crescimento econômico voltem a cair. As perdas salariais sofridas por 40% dos brasileiros nos últimos cinco anos produziram efeitos cruéis em milhões de pessoas e grupos sociais, que foram tão fortes quanto imperceptíveis para o conjunto da Nação. O silêncio em que essa desorganização da vida pessoal e familiar ocorreu deve-se à falta de canais para os protestos e os gritos de horror da população lesada, ao fato de que o fenômeno é quase inacreditável e há sempre o consolo de que as tragédias coletivas doem menos individualmente porque são partilhadas.

A série de reportagens do **Jornal da Tarde** sobre a última década da vida em São Paulo, em que ficou patente esse empobrecimento no Estado mais rico da Federação, além da carga de impostos que consagrou a iniquidade caindo sobre os que tiveram estripados seus salários, é um documento que vai contar ao futuro a história do egoísmo e da injustiça no Brasil de nosso tempo. Hoje há mais crime e violência nas ruas do que nunca antes, mas há também mais usurpação das pequeninas riquezas conquistadas a duras penas do que em qualquer outra época. O confisco da poupança que marcou o início do atual governo foi o mais evidente sinal da insensibilidade que

marca os governantes **modernos** (burocratas, acadêmicos, teóricos, com fumaças de cirurgiões), que há pelo menos uma década sentam seus fleumáticos **derrières** nas poltronas de couro da Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Que indiferença monstruosa, em nome de uma ciência discutível, posta a serviço de uma arrogância monumental — que doença é essa que permite a alguém fazer de uma imensa nação um laboratório e de seu povo um lote de porquinhos-da-Índia? Já não se trata de uma política **hard** ou **soft**, mas de ausência de compaixão e interesse humano que, não permitindo ver o sofrimento, impõem tamanha humilhação e sentimento de derrota a um povo reconhecido como tolerante e até resignado.

A classe média brasileira está de pires na mão, e isso não tem graça nenhuma. Os aumentos nos preços de produtos de primeira necessidade são diários, antigos e evidentes. Por que então congelar os salários, se não se pretende uma grande exploração coletiva, se não se planeja um genocídio, se não se tem em vista fomentar uma revolta irracional? A alternativa que absolve é a incompetência, e ela aqui não inspira pena, porque os incapazes se candidataram como capazes. Então é isto: os donos das fórmulas salvacionistas que se habilitaram ao poder não tinham certeza de nada e pretendiam aprender fazendo? De certa forma isso vale para todos os homens públicos em todos os tempos, mas no caso brasileiro maus meninos que "operam" gatos e pombos na calçada e que agora experimentam remédios em nós são desprovidos de humildade e franqueza. Finjem hoje que sabem, como já fingiam em governos anteriores, com a mesma pompa da ministra que deixou o poder falando mal das "elites", sinal visível de que será candidata a alguma coisa brevemente.

De Gaulle pode não ter dito isto, mas não parece mesmo um país sério este em que vivemos. Que seus governantes estão se lixando para o que acontece com o cidadão comum, sobre isso não há dúvida. Os pobres de sempre permanecem humilhados na sua pobreza e os classe-média de antigamente estão sendo empurrados para uma pobreza que não conheciam. No dia-a-dia os brasileiros descobrem que são forçados a abrir mão não apenas de pequenos confortos mas de direitos fundamentais. Mudar os filhos de colégio, perder um imóvel que se estava comprando com sacrifício há alguns anos, reduzir as proteínas à mesa da família porque o armazém e a feira aumentaram seus preços dez vezes o valor dos salários, isso tudo acontece longe das fantasias, no cotidiano de quase todos os homens deste país, tratados como porquinhos-da-Índia, que é talvez o maior laboratório que o egoísmo ou a incompetência humana já montaram no mundo.